

Dr. Bruce Waltke, Salmos, Palestra 19

© 2024 Bruce Waltke e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Bruce Waltke e seus ensinamentos sobre o livro dos Salmos. Esta é a sessão número 19, Abordagem Litúrgica, Cultus slash Ritual.

Estamos na linda casa de Darlene Bridges em Sugar Land, Texas, um subúrbio de Houston, Texas. E agora, bem-vindo à minha casa em Redmond, área de Sammamish, um subúrbio de Seattle. Devo dizer que é um prazer recebê-los e continuar estas reflexões e estudos no livro dos Salmos.

Acho que seria bom revisar onde estivemos olhando o calendário na página três de suas anotações.

Portanto, convido você a dar uma olhada na página três do nosso plano de estudos e orientar onde estamos no curso. Nossa tentativa tem sido entrar na mente do salmista inspirado, principalmente do próprio Davi. Além do método crítico histórico de interpretação de suas palavras contra o pano de fundo histórico, temos procurado outros métodos ou abordagens credenciados dentro da história da igreja para uma melhor compreensão e entrada na mente do salmista.

Então, na página três do calendário, após a introdução ao curso, falei sobre hermenêutica, a arte da interpretação. O ponto principal é a abordagem fundamental: devemos ter uma abordagem espiritual do livro dos Salmos porque, em última análise, o autor é Deus e Deus é espírito. Não encontramos Deus através de um método científico.

Encontramos Deus através do espírito, através da fé, esperança e amor, todos estes, a expressão do próprio espírito de Deus, o Espírito Santo. Além disso, dissemos, temos que ter simpatia pelo autor humano se quisermos entendê-lo. Assim, entramos no seu mundo e na sua história das alianças de Israel e na sua fé no Deus dessas alianças.

Nós compartilhamos isso com ele. A menos que compartilhemos esse espírito comum e essa fé comum, erraremos na nossa interpretação dos Salmos. Mas além de Deus e do autor humano, existe o texto e isso requer uma abordagem científica.

É aí que nos concentramos na área acadêmica. Nós nos concentramos nessas abordagens científicas de métodos de interpretação do texto. Portanto, uma das abordagens é, número três, a abordagem histórica.

Entramos na vida de Davi, mas o ponto importante que enfatizamos é que o autor é um rei. Existe uma interpretação real do salmo. É um livro de hinos reais.

São as canções do rei que passou por sofrimentos e triunfos. O elemento real é muito mais extenso do que os 10 Salmos que mencionam o rei. Portanto, argumentamos, isso permeia todo o livro, o que alterará a maneira como pensamos nele.

Isto tem implicações profundas para a nossa fé cristã porque eles falam, pelo menos indiretamente, de Cristo, que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Em cada abordagem, tentei fazer uma exegese com alguns detalhes. Eu dei alguns salmos, um ou dois.

E assim, realmente entramos no salmo e vemos a realidade ou a utilidade dessa abordagem para aquele salmo específico. No caso da abordagem histórica, olhamos para o Salmo 4. Na preparação para passarmos a olhar para os salmos e agrupá-los de acordo com as formas, a categoria de forma mais ampla de olhar para ele de um ponto de vista formal é que se trata de poesia em oposição à narrativa e prosa. Tentamos expor o que é a poesia hebraica.

Passamos uma palestra sobre isso. Após essa ampla categorização, examinamos o que é conhecido como crítica da forma, agrupamento de salmos em gêneros distintos. Isso incluiu compreender o contexto histórico em que se originaram, bem como examinar seus vários, Gattung, a palavra alemã, Gênero, a palavra francesa, Forma, a palavra inglesa.

E começamos observando a ampla categoria de hinos. Estas eram canções em louvor a Deus. Basicamente louvam a Deus como criador e como redentor, como Senhor da criação e Senhor da história.

Olha para Deus de forma ampla, não para respostas específicas à oração. Esse é o outro tipo de elogio com o qual lidamos. Isso é chamado de elogio agradecido.

Ou seja, você orou ao Senhor por uma necessidade específica e Deus atendeu a essa necessidade. Então você tem uma canção específica de louvor. Para o hino, vimos dois salmos.

Vimos o Salmo 100 e o Salmo 8. Para o Cântico de Louvor Agradecido, olhamos o Salmo 92 e poderíamos ter visto que é o Salmo 51 de Davi. lamento e confissão de pecado. A maior categoria de salmos foram as palestras 11 e 12, que tratavam dos salmos de lamento.

Este é o 50º salmo que conhecemos, o terceiro dos salmos, o salmista está em crise e olha para Deus em sua necessidade. Mas também notamos que não há salmo em que você vá a Deus em sua necessidade sem louvor. Mesmo perplexos, como no Salmo 41, somos massacrados o dia todo por sua causa, sem explicação.

Tudo começou com louvor a Deus. Esta é a diferença entre o salmista e Jó. Jó reclamou de seus sofrimentos sem elogios, e isso desagradou a Deus e ele teve que se arrepender.

O salmista também reclama e também lamenta. Notamos a diferença entre lamento e reclamação. Lamento é quando você está sofrendo e você é inocente e não, você está sofrendo.

Mas uma reclamação é que quando você está sofrendo e é injusto você se pergunta onde está Deus no meio disso porque você não violou nenhuma lei. São sofrimentos imerecidos. Nos sofrimentos imerecidos, você ouve uma reclamação sobre isso.

O lamento pode ser qualquer tipo de sofrimento, inclusive sofrimentos merecidos, que seriam a confissão do pecado. Assim, analisamos o lamento individual, como o Salmo 3, o primeiro salmo após a introdução de Davi, quando ele teve que fugir de Absalão. Depois também vimos um salmo messiânico, sobre o qual falaremos mais adiante, em uma palestra posterior.

Falaremos particularmente sobre o Messias, mas especificamente o salmo messiânico que Jesus levou aos lábios na cruz é o Salmo 22. Vimos os lamentos comunitários. Eu esperava fazer o Salmo 90, mas descobri que não tivemos tempo para fazer isso.

Mas olhamos para o Salmo 44, que acabei de mencionar. Um derivado dos salmos de lamento são canções de confiança porque, como observamos, esses diferentes gêneros têm motivos distintos. Um dos motivos dos salmos de lamento ou petição é que sempre há, ou normalmente, uma parte de confiança.

Assim, eles passam do lamento à petição através da confiança, porque se lembram de quem são ou, mais importante, de quem é Deus e do que ele fez pelo seu povo. Nesse novo ambiente de esperança, fé e confiança, ouvimos a petição que dele surge. Chegamos agora à palestra 17, que é chamada de abordagem litúrgica.

Portanto, convido você a entregar suas anotações na página 256, onde trataremos dos salmos litúrgicos. Mas antes de passarmos ao novo material, acho apropriado que comecemos orando juntos.

Então, Pai, começamos nossa palestra olhando para você com louvor por se revelar e nos dar meios de graça, a graça da sua palavra. E não iríamos abordar isso sem ter preparado nossos corações. E nós te pedimos, rezaríamos como diz a liturgia, Deus misericordioso, confessamos que pecamos contra ti em pensamento, palavra e ação pelo que fizemos e pelo que deixamos de fazer. Nós não te amamos de todo o coração.

Não amamos o nosso próximo como a nós mesmos. Sentimos muito. E nos arrependemos humildemente.

Pedimos-lhe que tenha misericórdia de nós, perdoe todos os nossos pecados através de nosso Senhor Jesus Cristo e nos fortaleça em toda a bondade. E pelo poder do Espírito Santo, mantenha-nos no caminho da vida eterna. E estamos confiantes, Senhor, que como Tu prometeste, quando confessamos e renunciamos aos nossos pecados, somos perdoados e somos preparados para entrar no lugar santo porque também estamos revestidos da justiça de Cristo. E com essa confiança, avançamos nos salmos em nome de Cristo. Amém.

A abordagem litúrgica também é um derivado da abordagem crítica da forma. Dissemos que a crítica da forma tem duas partes. Uma é que você olha para o cenário da vida. E o outro, quando você olha para a forma como o salmo é composto, seu humor, seu vocabulário, seus motivos que o tornam um hino de louvor ou uma canção de agradecimento ou um lamento.

Estamos analisando o cenário do salmo, mas vamos analisá-lo tão extensivamente que vale a pena pensar separadamente nele como uma abordagem separada. Em outras palavras, é quantitativamente muito mais do que fizemos. Na verdade, torna-se qualitativamente outra abordagem.

E assim, estamos olhando para a abordagem litúrgica. Esta abordagem na literatura é normalmente chamada de cultista, a abordagem cúltica. Esse é um termo difícil porque, para o falante médio de inglês, um culto significa um pequeno grupo de pessoas que defendem algum tipo de ideia ou prática religiosa que a maioria considera estranha ou até sinistra.

Obviamente não é assim que é usado na literatura acadêmica. O cultista na literatura acadêmica refere-se à expressão externa da religião. E então, vamos ver nesta palestra, antes de tudo, vamos defini-lo.

E então veremos o cenário da vida onde isso ocorre e outros aspectos. E vamos ver como funciona o cultista? E então veremos aspectos disso, como locais sagrados, calendário sagrado, pessoal sagrado, ações sagradas, objetos sagrados e assim por diante. Mas vamos começar com uma definição.

Dois dos principais pensadores sobre os cultistas na história da interpretação dos Salmos são Eichrodt e Mowinckel. Dou-lhe primeiro a definição de Mowinckel. Sigmund Mowinckel foi um estudioso escandinavo-norueguês.

Ele escreveu principalmente entre suas obras principais, sua primeira obra importante foi 1904. E então sua magnum opus foi lançada na década de 1920. Ele define assim.

Ele usa outra palavra, ritual. Culto ou ritual podem ser definidos como atos e palavras sagradas socialmente estabelecidas e regulamentadas nas quais o encontro e a comunhão da divindade com a congregação são estabelecidos, desenvolvidos e levados ao seu objetivo final. Portanto, trata-se de atos e palavras sagradas que estabelecem um relacionamento entre Deus e o adorador.

Eichrot colocou a questão nestes termos. O termo cultista deve ser entendido como a expressão da experiência religiosa e de ações externas concretas realizadas dentro da congregação ou comunidade, de preferência por expoentes nomeados oficialmente e em formas definidas. Assim, os expoentes nomeados oficialmente seriam como os sacerdotes de Israel e suas formas definidas seriam como os Salmos ou em sacrifícios e assim por diante.

Kurt Goldhammer aborda isso de forma diferente. Ele olha para isso como para citá-lo, experiência estruturada, atividade simbólica e significativa. É uma citação, um padrão de fatos, que tem uma conexão razoável entre si na mente e na atitude da pessoa que está dentro dela.

Portanto, todos nós nos envolvemos numa expressão externa da religião, e sair da religião tem dois aspectos. É a experiência espiritual interior, os sentimentos, as emoções e os pensamentos que encontram expressão nas ações externas. Assim que você tiver duas pessoas adorando juntas, você terá algum tipo de forma.

Ou seja, vocês terão um lugar onde se encontrarão e um horário para se encontrarem. Portanto, imediatamente há algum tipo de forma externa que tem de ser imposta à adoração congregacional. Mas quando estamos naquele culto, por exemplo, onde estamos habituados a um determinado padrão, normalmente começaremos com uma invocação, convidando Deus e confiando em Cristo para estar na nossa presença.

Em algumas comunhões, eles realmente carregam a cruz para dentro da congregação como um símbolo de Cristo tomando sua residência nos cânticos de louvor e estando presente com seu povo. Às vezes a Bíblia é levantada e levada para dentro da congregação. Invocamos a presença de Deus e cantamos os seus louvores.

Traremos nossas orações diante dele. Em algum momento, haverá uma leitura das Escrituras, uma oração por iluminação, uma leitura das Escrituras, uma pregação das Escrituras e uma resposta. Em algumas comunhões, o destaque do sermão é um convite, mais evangelístico.

E o destaque do sermão é que as pessoas tomem uma decisão. Nas demais congregações o destaque do culto é a participação na Ceia do Senhor na qual recebem um presente, confiando no perdão de Deus e participando de sua presença através da ceia e das palavras que acompanham a ceia. De qualquer forma, tudo faz parte desta expressão externa.

Então, escrevo para concluir na página 256, que é o material em oposição aos sentimentos puramente interiores e espirituais com os quais estamos pensando nesta palestra. São as formas reguladas ou estabelecidas contra a espontaneidade. Algumas pessoas adoram melhor com espontaneidade, com menos forma, e outras adoram melhor com forma estrita.

Não é uma questão de certo e errado. É realmente uma questão do que melhor se adapta ao indivíduo. Acho que um dos pontos fortes do Novo Testamento é que ele tem muito poucas formas definidas.

O Cristianismo é capaz de se adaptar a uma série de culturas porque, ao contrário do Antigo Testamento, que é uma forma muito estrita em muitos aspectos, no Novo Testamento há menos forma. É a congregação contra o indivíduo e as suas estruturas integradas, dissemos, contra a abordagem ideacional de simplesmente dados e reflexão. Então essa é uma atividade que tem significado.

Na página 257, aplico isso ao Saltério citando um versículo de Báb. No uso desta literatura, isto é, dos Salmos, o indivíduo tornou-se um com seu grupo e compartilhou o espírito que o movia. Quer o clima do momento fosse de contrição, confiança ou alegre ação de graças, ele, e eu acrescentaria ela, se encontraram, e também encontraram o Deus do desejo de suas almas através de sua participação sem reservas nos atos de adoração comunitária, por meio dos quais os ricos recursos e aspirantes a tradições da história deste povo foram-lhes disponibilizados.

Acho que é uma citação muito útil. Não estou definindo o cultus nos termos de Hegel. Hegel pensou que você tem uma realidade infinita, você tem Deus, ele é a realidade última.

É o finito através do culto entrando nessa realidade infinita. Seria deturpar a Bíblia se você não invadissem a presença de Deus. Você entra na presença dele através de estruturas de aliança.

Ou seja, é por isso que começamos com uma confissão de pecado. Não invadimos sua presença. Encontramos o seu perdão porque percebemos que violamos a lei ao não amar a Deus de todo o coração e ao não amar o próximo como a nós mesmos.

Então, portanto, precisamos confessar. Não temos o direito, em pecado, de entrar em sua presença. A presença de Deus entrando em sua presença exige uma entrada nela através das disposições das alianças.

Vimos no Salmo 1, antes de entrar no livro dos Salmos, é o homem que guarda a lei, a pessoa que guarda a lei e encontra prazer em sua lei que entra na adoração dos Salmos. Diz que, no culto israelita, a relação Deus-homem não é natural no sentido de que é um dado. Existe um requisito para decisão.

As leis são os credos. Ameaças e promessas apoiam a lealdade. De uma forma pessoal, Deus e o homem se confrontam.

Devemos estar bem com Deus através da mediação de Jesus Cristo, a fim de participar nesta expressão externa da religião e no uso dos Salmos dentro dela. Bem, espero que agora você entenda o que quero dizer quando falo de culto. Quero dizer, esta participação congregacional e externa na religião.

Em seguida, assumimos o *sitz im leben*, onde é o cenário deste culto. Notamos que os Salmos originalmente não se originaram necessariamente no templo. Eles se originaram com Davi em sua experiência no deserto, onde ele estava sendo preparado para a realeza, onde estava aprendendo uma vida de fé.

E assim, na sua contestação contra Saul e mais tarde contra Absalão, até o Salmo 3 é composto fora do templo. Salmos 42 e 43, o salmista está exilado em algum lugar próximo ao Monte Hermon. O Salmo 137 foi escrito no exílio babilônico.

Portanto, em alguns casos eles foram compostos à parte do templo. Alguns foram compostos para o templo. As Canções de Louvor de Agradecimento foram compostas para este templo.

Os hinos de louvor foram compostos para o templo. Mas mesmo aqueles que foram compostos fora do templo muitas vezes tinham o templo em mente. Como no Salmo 3, ele ainda está tocando em direção ao lugar santo de Deus.

Salmos 42 e 43, ele está ansioso para poder retornar ao culto no templo. De qualquer forma, os Salmos foram entregues ao músico-chefe para uso no templo. Assim, o local principal do Saltério é o próprio templo.

Então, eu desenvolvi isso. Agora, o que desenvolvi a seguir na página 257 é a compreensão do cultus pelos críticos históricos. Os críticos históricos são basicamente aqueles que rejeitam as próprias afirmações da Bíblia sobre o seu estado e autoria, entre outras coisas.

Eles desmascaram os sobrescritos e o que considero também pós-escritos, mas os vêem como trivialidades, irrelevantes. É um ótimo trabalho de introdução aos Salmos, enorme. Bem no final, Gunkel acrescenta um pequeno capítulo, talvez duas ou três páginas, sobre os sobrescritos, dizendo que eles são inúteis em todos os pontos.

Por sobrescritos, você quer dizer a primeira linha antes do salmo? Obrigado. Quero dizer, o que está escrito acima do próprio poema. Então, você tem um Salmo de Davi, ou você tem, eu acho, um pós-escrito para o músico principal.

Então, é aquela seção de prosa. Infelizmente, nas Bíblias em inglês está em itálico e você tem a impressão de que não faz parte do salmo. Quando discuti a abordagem histórica, argumentei que eles são uma parte muito importante do salmo.

Mas Gunkel usa o que chamamos de abordagem analítica literária, na qual basicamente você aceita a hipótese Wellhausiana . Para entender o crítico, você entende a maior parte da academia, você tem que entender que eles não pensam em Moisés por trás do Saltério. Eles acham que o material atribuído a Moisés é uma falsificação.

Quero dizer, Wellhausen diz que é uma falsificação dos sacerdotes no período exílico ou pós-exílico. Então, para eles, não existe regulamentação Mosaica. Portanto, isso vira a Bíblia de cabeça para baixo.

Então, você não tem um verdadeiro Moisés. O material atribuído a Moisés é, na verdade, datado de mil anos depois e não estava disponível para Davi. Sim.

OK. Então, você está falando sobre o Pentateuco, não sobre os Salmos com Moisés. Bom, o que estou dizendo é que entendemos os cultistas como veremos, voltamos pensando no material sacerdotal e nos regulamentos do tabernáculo.

Mas vou chegar lá. Bem, para Gunkel, ele reconhece que os Salmos, suas formas e tudo mais remontam ao primeiro templo. Ele reconhece o templo e os cultistas.

Mas para ele, o próprio Saltério, devido à sua formação wellhausiana , origina-se no período pós-exílico. Portanto , é imitar os poetas do período material pós-exílico ou imitar o material do templo. Mas na verdade eles estão escrevendo orações para a sinagoga, não para o templo.

Eles estão usando os formulários do templo, mas eles realmente não acreditam, ele realmente não acredita que eles foram escritos na época do templo. Eles foram escritos muito mais tarde porque ele simplesmente elimina os sobrescritos e isso se ajustaria à evolução da religião Wellhausiana . Então é daí que Gunkel vem.

Então, diz ele, eles estão enraizados nos cultistas, mas grande parte do Saltério reflete a democratização. Ou seja, não há mais padre. Não existe mais rei.

Então agora são apenas as pessoas comuns do culto e datadas das épocas exílica e pós-exílica empregando imagens, como o rei e suas batalhas do período pré-exílico. Então, você pode ver que a linguagem militar do Saltério é simplesmente uma imagem dos problemas da pessoa no período pós-exílico que geralmente sofre de doenças. Comentei que, em sua mente, esses pacientes são, até certo ponto, psicóticos e veem o mundo inteiro contra eles.

É realmente um pouco, se eu não for muito forte, diabólico em minha mente, o que está acontecendo aqui. Portanto, a extensão do Saltério para Gunkel vem da sinagoga, consistindo em escritos de particulares e eles não têm ligação com os cultistas. Essa é a opinião de Gunkel.

Você não pode estar na academia, e este é um curso acadêmico de treinamento bíblico. Você não pode estar na academia e não se deparar com Gunkel e seu pensamento. Ele é o pensador fundamental em nosso campo.

Acho que você deveria entender o que ele está dizendo e de onde ele vem. Agora, Mowinckel era aluno de Gunkel e Mowinckel reconheceu que eles vieram do templo. Assim, Mowinckel interpreta os Salmos, não de David, mas do período de adoração no templo, do período pré-exílico.

Ele reconstrói o que é chamado de festival de entronização. Agora, como estou dizendo, você precisa entender que ele não tem Moisés como pano de fundo. Então, onde está sua fonte de compreensão? Bem, ele analisa a literatura pagã, as culturas pagãs.

Por exemplo, na Babilônia, Marduk, o deus que conquistou o caos, Marduk era entronizado anualmente porque nas religiões pagãs não havia um sentido de história com começo e fim e um significado para a história. A preocupação deles era cíclica de recriar todos os anos, anualmente, trazendo de volta a primavera, trazendo de volta a vida da morte do inverno. Marduk foi o deus que conquistou o abismo e o caos.

Então, eles reconstituíram a criação anualmente. E para Mowinckel, portanto, ele afirma que Yahweh, o Deus de Israel, era entronizado anualmente. Na verdade, ele se baseia em seu tutor, seu professor, Gunkel.

Gunkel sustentou que a expressão Adonai Malach significava Yahweh ou o Senhor se tornou rei. Ele entendeu que era coroado anualmente como rei em um festival de entronização. Essa expressão ocorre em cinco Salmos, Salmo 47, versículo oito em inglês, versículo nove em hebraico, no Salmo 93.1, no Salmo 96.10, eu acho.

E novamente em 97,1 e 98,1. Você pode ver que pode valer a pena dar uma olhada no texto. Vou apenas considerar os últimos dos Salmos 93 a 99, que são chamados de Salmos da Entronização. Mas você vê como começa o Salmo 93, o Senhor reina.

Gunkel e Mowinckel traduziriam isso, o Senhor se tornou rei. E eles diriam anualmente, o Senhor se tornou rei. Você verá isso novamente no Salmo 96 e no versículo 10, digamos entre as nações, o Senhor reina, ou o Senhor se tornou rei.

Novamente, 97,1, o Senhor reina. E no Salmo 99.1, o Senhor reina. E essas outras músicas basicamente celebram o reinado de Deus.

Os Salmos 93 a 99, portanto, são chamados de Salmos da entronização. E o que eles querem dizer é que Yahweh era entronizado anualmente num ritual do templo. E estes são chamados de Salmos de entronização.

Escrevo que aqui a visão é que em um festival de outono, eles sentiram que isso estava na renovação do outono, nos últimos reinados, em conexão com a proclamação, Yahweh se tornou rei. E eles são influenciados pelo que é conhecido como festival Akitu, onde Marduk era entronizado anualmente. Também descobrimos agora, é claro, que Gunkel e Mowinckel não tinham os textos ugaríticos.

Eles estão escrevendo por volta de 1900, 1925. E os textos ugaríticos não foram descobertos até 1940. Mas encontramos essas noções muito semelhantes nos mitos ugaríticos onde agora não é Marduk, mas é Baal, o Deus do reinado.

E enquanto Marduk estava derrotando Tiamat, a deusa do caos nos mitos ugaríticos, é Baal, o Deus do reinado vivificante, versus Mot, que em hebraico significa morte, ou Yam, que significa mar ou rio Nahar. Mas é o que é conhecido na literatura como caos kampf, uma batalha entre o Deus criador contra os deuses da morte, da esterilidade, um caos. E de acordo com Gunkel na página 237, o cultista funciona para reconstituir e reatualizar a criação do mundo e de Israel.

Em outras palavras, eles acreditam que Deus reina, mas esta era uma parte necessária, quase como os sacramentos. É quase como a visão católica romana da missa, onde você sacrifica Cristo na missa. E assim, eles são semelhantes a esse tipo de visão da massa do novo sacrifício de Cristo através do ritual, eles estão recriando tanto a criação como a história de Israel ou a redenção de Israel.

Agora, como eu disse, Gunkel limitou-se apenas a estes cinco Salmos. Para Mowinckel, quase todo o Saltério pertence a este ritual. É toda uma reinterpretação do livro dos Salmos.

Ele é muito influente na academia. E, novamente, você não pode ler muito na literatura acadêmica, na universidade, sem encontrar o nome de Mowinckel. Na página 258, tentando explicar melhor a entronização dos Salmos, ele interpreta, portanto, Yahweh reina para ser Yahweh se tornou rei.

E é derivado como pano de fundo dos mitos do caos composto, eu disse, da criação. E assim aplicado a Israel, é a reconstituição e, sim, da criação e da celebração do Êxodo do Egito e da vitória no Mar Vermelho ou no Mar Vermelho. E assim, é tanto a criação quanto a redenção sendo reencenadas dentro do culto.

E a vinda de Yahweh na festa da entronização colocará o mundo em ordem novamente e esmagará todo ataque que o inimigo possa fazer contra a cidade e o povo. E a seu ver, normalmente Yahweh é representado pelo rei, e o rei é considerado o Deus que entra na cidade em triunfo. Então, ele vê isso, como eu digo, no número seis, é sacramental que através desse ritual você esteja participando dessa recriação da natureza e da história.

Tem como objetivo descobrir as interligações entre os Salmos mostrando o que a congregação estava vivenciando e sentindo através de atos e palavras do culto. Agora cito Mowinckel, o poder inerente ao ato também está concentrado na palavra. A Palavra Sagrada é eficaz e criativa.

Ou ainda, esta é uma nova citação, na lembrança e na reconstituição do culto, os fatos históricos da salvação são transformados em realidade efetiva. E, mais uma vez, não teremos compreendido nem os Salmos nem o seu lugar na vida real, a sua situação de culto e o seu objectivo até que o tenhamos ligado à festa em questão e às suas ideias e formas de culto. Então, você pode ver que isso altera toda a maneira como você pensa sobre os Salmos.

Qual é a minha avaliação disso? Bem, para algumas avaliações positivas, penso que provavelmente o festival de outono sob a monarquia se tornou o festival principal, tal como no calendário da igreja. Foi a Páscoa e o Pentecostes. Então, acho que sob a realeza, o festival de outono se tornou o festival dominante no calendário de Páscoa e Pentecostes de Israel.

E então o festival de outono, que consistia em Sucot, Ano Novo, Dia da Expição e assim por diante. Ele diz, por exemplo, Reis nos conta que a dedicação do templo ocorreu nesta época e desta forma. Todos os homens de Israel vieram a Israel, todos os homens de Israel reuniram-se ao rei Salomão na época da festa do mês de Adonai, o sétimo mês.

E aí estão seus versos. E somos informados de que quando Jeroboão estabeleceu um culto rival, Jeroboão instituiu uma festa no dia 15 do oitavo mês, como a festa realizada em Judá. É evidente que esse era o principal festival do norte.

E, claro, o culto de Jeroboão é totalmente uma bastardização do culto mosaico. Então, o sagrado, bem, chega de David, o local sagrado não é mais Jerusalém. São Dan e Bate-Seba.

O simbolismo de Deus não é mais a arca e a aliança, mas um touro e assim por diante. Pois bem, Oséias fala que no dia da festa do nosso Rei, os príncipes ficam inflamados com vinho. E novamente, provavelmente o dia do nosso Rei é este festival de outono, que provavelmente também celebrava a casa de Davi e a eleição de Sião como a cidade de Deus.

Isso explicaria por que nos é dito em Reis, sob a reforma de Josias, que desde os dias dos juízes, nem durante os dias dos reis de Israel e dos reis de Judá, nenhuma Páscoa desse tipo foi observada. Parece que a Páscoa foi eclipsada em favor do festival de outono. Então, acho que há algum elemento de verdade no fato de que o festival de outono era o festival dominante em Israel durante a época da monarquia.

Contra alguns, eu argumentaria que é gramaticalmente possível traduzir Adonai Malach por que Yahweh se tornou Rei. Na minha opinião, qualquer uma delas é uma opção viável. E há um terceiro valor: alguns Salmos são escritos à luz dessa composição do caos.

Eles estão usando essa imagem, não essa teologia, mas estão usando essa imagem para a atividade criativa de Deus. Nos mitos, existem três elementos essenciais. Existe o protagonista que é o Deus criador.

Aí está o antagonista, esse é o Deus que está restringindo a criação. E então, depois que o Deus criador é vitorioso sobre o Deus hostil e restritivo, então ele é digno de um templo e eles constroem um templo em sua homenagem. Essas são as três ideias dominantes, ou celebram o seu templo porque ele é o Deus vitorioso.

Agora olhe para o Salmo 93 e veja como esses três elementos entram em ação. E acho que, a menos que você entenda esses três elementos, é quase um salmo ininteligível. Lemos, o Senhor reina.

Ele está vestido de majestade. O Senhor está vestido de majestade e armado de força. Na verdade, o mundo está estabelecido, firme e seguro.

Seu trono foi estabelecido há muito tempo. Você ou seu trono existem desde toda a eternidade. Os mares se levantaram, Senhor.

Os mares levantaram a sua voz. Os mares levantaram suas ondas violentas, poderosas que o trovão das grandes águas, poderosas que as ondas do mar. O Senhor nas alturas é poderoso.

Suas estátuas, Senhor, permaneçam firmes. A santidade adorna sua casa por dias intermináveis. Veja, aí estão esses três elementos.

De certa forma, eles vão colocar isso contra esse pano de fundo para mim, meio que destroem isso. No entanto, se pudermos ter uma segunda ingenuidade e voltar a ela, poderemos compreendê-la melhor. Mas você percebe que o Senhor está revestido de força e está em conexão com a criação do mundo.

Então, ele diz, o Senhor reina. Ele está vestido de majestade. Uma metáfora dupla do manto dele é uma figura dupla, significando uma metáfora de ele usar uma vestimenta.

A majestade é uma metonímia da majestade que ele acumulou com sua vitória, por assim dizer, na criação sobre o caos. Ele está vestido de majestade. O Senhor está vestido de majestade e armado de força.

Na verdade, o mundo está estabelecido, firme e seguro. Mas você vê que ele reina, mas não é pensado anualmente. Foi realizado.

Observe como ele diz que acho que isso dá o significado de que o Senhor reina, em vez de se tornar rei. Seu trono foi estabelecido há muito tempo. Você ou seu trono existem desde toda a eternidade.

Não há nada aqui sobre uma reconstituição anual. Ele está lá desde o início e desde o início quando criou a luz sobre as trevas, a terra sobre o mar, por exemplo. Mas agora note que o adversário é representado pelo mar.

O mar é um símbolo da morte no Antigo Testamento. Não haviam passado pelo período romântico das paisagens marítimas. O mar foi novamente hostil a Israel.

Você não poderia cultivar nada nele. Você poderia se afogar nele. Eles não viram nada de bom nisso.

Os mares exaltaram o Senhor. Os mares levantaram a sua voz. Os mares levantaram suas ondas violentas.

Eles representam tudo o que é mau, mas mais poderoso que o trovão das águas, mais poderoso que as ondas do mar, o Senhor nas alturas é poderoso. E ele tem uma casa que dura para sempre. Mas essa casa é caracterizada pela santidade e pelos estatutos da aliança.

Os teus estatutos, Senhor, permanecem firmes. A santidade adorna sua casa por dias intermináveis. Então estou dizendo que essas imagens míticas nos ajudam em nossa interpretação.

Na verdade, John Levinson diz, e talvez eu seja muito radical, em seu excelente livro *Sinai and Zion*, que a menos que você entenda isso, você não entenderá alguns dos Salmos. Talvez eu ache que isso nos ajuda a entender o Salmo 93 e o que está acontecendo lá, entre outros. Mas, negativamente, o problema é que se espera que as antigas religiões pagãs do Oriente Próximo reconstruam a festa, e não a lei mosaica.

Para eles, isso não existia. Participa da heterodoxia inerente à crítica histórica. Segundo, todas as reconstruções do festival são hipotéticas, carecendo de uma garantia bíblica clara.

A variedade de pontos de vista põe em causa o método. O próprio Gunkel rejeitou a reconstrução de Mowinckel em tão grande escala. Ele diz que é pura imaginação.

Não há restrição. Então, ele se limita apenas aos cinco, mas começou isso seminalmente no festival para esses cinco. Hoje, em grande parte, é rejeitado.

É reconhecido que existem esses salmos de entronização, mas toda a reconstrução é em grande parte rejeitada. É por isso que hesitei até mesmo em entrar nos salmos de entronização de Mowinckel. Mas parece-me que uma pessoa educada nos Salmos deveria estar ciente deste material.

Weiser, como eu disse, existem outras interpretações. Weiser vê um festival de outono em seu excelente livro da Série Biblioteca do Antigo Testamento. O comentário dele é um dos melhores, eu acho.

Mas ele pensa que todos os salmos cabem em um festival de outono, mas ele pensa que todos eles celebram a aliança, a celebração da aliança do Sinai. Novamente, é um universalismo muito amplo. Então, eu não acredito na interpretação de todos os salmos em um festival.

Para mim, eu pergunto, qual é o sentido claro do Saltério? Para mim, o sentido claro do Saltério é que devemos aceitar os sobrecritos. Isso significaria um Salmo de Davi, por exemplo, o 14, quando fugiu de Absalão. Nesse caso, muitos salmos começaram como orações privadas.

Esta é uma reversão de Gunkel. Em vez de orarem no templo e depois em orações privadas, elas começaram como orações privadas e depois se tornaram parte da adoração no templo. Como eu disse, alguns salmos são obviamente compostos fora da casa de Deus, mas outros salmos são compostos para o templo.

Uma dessas perguntas que você tem é que existem alguns salmos que são salmos de sabedoria. Veremos isso mais tarde. E exatamente como o Salmo 1, por exemplo, se encaixou na adoração no templo, ou será que se encaixou? Talvez seja apenas para a sinagoga e meditação.

Mas como surgiram os Salmos sapienciais, qual foi o cenário de vida do Salmo 49, por exemplo, que veremos, que trata da teodiceia e do problema do mal? Exatamente como isso se encaixou na vida do templo? Isso é mais debatido. Acho que cabe nisso, mas voltaremos a isso.

Vou pular agora para a função. Como funciona o culto? Vou olhar para isso de forma mais geral e depois aplicá-lo aos Salmos. Veremos que eles são compostos contra a liturgia e o culto do templo.

Sugiro que haja quatro usos para os salmos, quatro ou cinco. Eles são simbólicos na página 259. São típicos.

Eles funcionam normalmente. Eles funcionam sacramentalmente. E quarto, funcionam como propaganda artística que defende um ponto de vista, não de uma forma como na propaganda nazi, que se baseava em mentiras, mas baseada na verdade.

Em primeiro lugar, simbólico. É uma forma visível que retrata profundamente a essência viva da religião. Em outras palavras, você tem experiência religiosa e agora lhe dá expressão concreta nas ações externas do homem em direção a Deus, desde a realidade espiritual interna até as ações externas e oferecidas a Deus.

A fumaça ascendente, por exemplo, representaria as orações subindo a Deus. O levantamento das mãos simbolizaria oferecer presentes a Deus e receber sua graça ou de Deus ao homem. Agora é verdade que o indivíduo não poderia entrar no Santo dos Santos e apenas o sumo sacerdote poderia entrar lá uma vez por ano.

Mas não havia mistério nisso. Foi claramente revelado para todo o Israel. Então, eles viviam da imaginação.

Eles podiam imaginar o que o sumo sacerdote estava fazendo no Santo dos Santos. E no Santo dos Santos foi tudo muito simbólico. Esculpidas nas paredes havia palmeiras e todas as formas de árvores.

Representava o Jardim do Éden e a vida eterna. Bem no centro do Santo dos Santos estava a Arca da Aliança. Na verdade, se você entrou no templo de Salomão, todas as portas estão se tornando mais estreitas, a porta principal, a entrada, e depois para o Santo dos Santos, tudo está concentrado.

A linha do telhado está caindo. Então, todo o foco está na Arca da Aliança. Não há nada parecido.

Está coberto de ouro, mas não há nada parecido nas religiões pagãs. Nas religiões pagãs, era uma divindade da natureza. Teria sido uma estátua do sol ou da lua e isso poderia ser manipulado.

Mas aqui, no centro de tudo, estava o governo moral transcendente de Deus. Foi ética. Era uma forma de viver.

Não há nada parecido. O cerne da religião de Israel é a transcendente vontade moral de Deus. É ética.

Então os 10 mandamentos estavam na Arca da Aliança. Sobre ele estava o propiciatório com o sangue que fazia expiação, que tornava possível a adoração pecaminosa, que pessoas pecadoras entrassem na presença de Deus. Sobre a tampa estavam os querubins.

Eram figuras semelhantes a esfinge que guardavam a santidade e a preservavam. Assim como os querubins protegiam o jardim do Éden, o pecado não poderia entrar em sua presença. Assim, os querubins protegiam a santidade do lugar santo de Deus.

Tudo isso é comunicação. Então, fora disso, você tinha a luz que penetrava na escuridão. Havia os pães da proposição onde você poderia comer em comunhão com Deus.

Depois, fora disso, havia o altar do incenso, simbolizando a oração. Então tudo era ensino simbólico através da teologia do simbolismo. Acho que pegue o Salmo 73.

Vou ler o Salmo inteiro, mas vamos pegar este e ler. Observe o que acontece. Veja, está no santuário.

Presumo que ele vê o simbolismo de que sua crise de fé foi resolvida. Este é agora o Salmo 73, geralmente chamado de Salmo de sabedoria. Mas ele começa, novamente, com perguntas profundas, mas expressa tudo em elogios.

Ele realmente não duvida da bondade de Deus. Ele questiona isso, mas afirma imediatamente sua fé. Certamente Deus é bom para Israel, para aqueles que são puros de coração.

Ele está confiante. Essa é a realidade. Seja qual for a reclamação, sejam quais forem as perguntas que ele tenha, sua fé fundamental é que Deus é bom.

E ele mantém sua aliança. Mesmo assim, aqui está o meu problema, porque a experiência dele entra em conflito com a sua fé. Então, o que ele faz é realmente começar, ele diz, mas quanto a mim, meu coração, meu pé quase escorregou.

Quase perdi minha posição. Pois invejei os arrogantes quando considerei a prosperidade dos ímpios. Eles não têm lutas.

Seus corpos são saudáveis e fortes. Eles estão livres dos fardos humanos comuns. Eles não são atormentados por males humanos.

Seu orgulho é seu colar. Eles se vestem de violência. Dos seus corações insensíveis vem a iniquidade.

Suas imaginações malignas não têm limites. Eles zombam e falam com malícia, com arrogância. Eles ameaçam a opressão.

Suas bocas reivindicam o céu. Suas línguas tomam posse da terra. Por isso, o seu povo recorre a eles e bebe águas em abundância.

Eles dizem, como Deus saberia? O Altíssimo tem conhecimento, sabe alguma coisa? É assim que os ímpios se parecem, sempre preocupados, livres de preocupações. E eles continuam acumulando riquezas. Certamente em vão mantive meu coração puro.

Lavei as mãos na inocência. Durante todo o dia fui afligido e cada manhã traz novos castigos. Se eu tivesse falado assim, teria traído seus filhos.

Quando tentei entender tudo isso, fiquei profundamente perturbado até que entrei no santuário de Deus. Então entendi seu destino final. Certamente você os coloca em solo escorregadio.

Você os lançou à ruína. Quão repentinamente eles são destruídos, completamente varridos pelos terrores. Eles são como um sonho quando se acorda.

Quando você surgir, Senhor, você os desprezará como fantasias. Quando meu coração estava entristecido e meu espírito amargurado, eu estava insensato e ignorante. Eu era uma fera bruta antes de você.

No entanto, estou sempre com você. Você me segura pela minha mão direita. Você me guia com seu conselho.

E depois, você me levará à glória. Quem eu tenho no céu senão você e a terra não tenho nada que eu deseje além de você. Minha carne e meu coração podem falhar, mas Deus é a força do meu coração e minha porção para sempre.

Aqueles que estão longe de você perecerão. Você destrói todos que não são fiéis a você. Mas quanto a mim, é bom estar perto de Deus.

Fiz do Senhor soberano meu refúgio. Eu contarei todos os seus feitos.

Este é o Dr. Bruce Waltke em seu ensinamento sobre o livro dos Salmos. Esta é a sessão número 19, Abordagem Litúrgica, Cultus slash Ritual.